

Ficha Técnica:

Título:

*A História da Imprensa e a Imprensa na História:
o Contributo dos Açores.*

Coordenação:

Carlos Cordeiro e Susana Serpa Silva

Editores:

Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade
dos Açores e Centro de Estudos Interdisciplinares
do Século XX da Universidade de Coimbra

Capa:

Gonçalo Luciano e Nova Gráfica

Arranjo Gráfico:

Nova Gráfica, Lda.

Impressão:

Nova Gráfica, Lda.

ISBN:

978-972-8612-53-5

Depósito Legal:

302038/09

A imprensa regional e os açorianos “lá de fora” Sena Freitas e Teófilo Braga

José Luís Brandão da Luz*

O reconhecimento e a afeição que, em geral, concedemos aos periódicos locais, por causa da proximidade que sentimos com as notícias que difundem, os projectos e interesses que defendem, a memória dos acontecimentos e dos protagonistas que preservam, a familiaridade ou nostalgia dos ideais sociais e morais que propagam, as causas políticas, económicas e da mais diversa ordem por que combatem, torna-os em veículos fundamentais quer de promoção da consciência crítica duma localidade ou duma região, quer também, e por esta via, do conhecimento do pulsar da vida social de uma época.

Em Ponta Delgada, o semanário *A Persuasão*, de Francisco Maria Supico (1830-1911)¹, é bem o exemplo singular duma imprensa de intervenção, empenhada em promover, como Supico escreveu num dos seus editoriais, uma missão «de paz, de tolerância e de ilustração», ou seja, esclarece de seguida, em desenvolver um «apostolado sempre vigilante contra o abuso do poder e de autoridade; prompto sempre a condemnar os excessos do forte contra o fraco; e a pugnar pelas imunidades, pelas regalias e pelas liberdades de todos os cidadãos». Pois, continua, «entendemos que abusa d’elle, que o rebaixa, que o avilta, que o degrada, quem o emprega a cimentar a discórdia, a inimisar as sociedades, e a concitar vindictas entre irmãos, adulterando a verdade, falseando a razão, descabellando a phrase, e servindo-se do improperio, da calunnia e do duesto como argumentos»².

As linhas mestras da política editorial do jornal compreendem-se assim como um espaço aberto à defesa das causas públicas, não pelo interesse que

* Centro de Estudos Filosóficos (CEF) – Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

¹ Francisco Maria Supico era natural da Lousã, tendo vindo muito jovem ainda para Ponta Delgada, como farmacêutico da Misericórdia da cidade, após ter obtido a habilitação profissional em Coimbra, aos vinte e dois anos. Foi uma destacada personalidade do jornalismo e do meio intelectual de Ponta Delgada, tendo apoiado a produção literária de jovens talentos que o procuravam.

² *A Persuasão*, 4 de Maio de 1864, p. 1.

elas possam representar em termos individuais ou de grupo, mas pelo «que aproveitam aos povos que representam»³, designadamente, pelo que elas significam para a imagem social, política, económica dos Açores e a preservação do conhecimento da sua memória. Foi assim que, a partir de 1895 e até à sua morte, em 1911, Francisco Maria Supico insere, com regularidade, nas colunas do seu jornal, numa secção com a denominação de *Escavações*, numerosos elementos que respiga das páginas dos jornais oitocentistas que colecionava, alinhando desta forma, durante cerca de quinze anos, significativos traços do passado recente de muitas vivências micaelenses⁴. Esta e outras iniciativas, em que sobressai a edição parcial das *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, cumprem o alto desígnio de «devolver aos homens da terra a tripla consciência da sua identidade, historicidade e singularidade»⁵, muito ao sabor da herança que a mentalidade romântica conseguiu irradiar mesmo em autores insulanos como Teófilo Braga, Ernesto do Canto, Francisco Arruda Furtado, João Teixeira Soares⁶.

A preocupação em recuperar as diversas vertentes da memória duma sociedade, para que o conhecimento histórico se pudesse apropriar dos principais vectores que poderão convergir na construção da sua identidade, não se limitou apenas ao passado, prestou especial atenção às personalidades açorianas que se distinguiam, longe da terra da sua naturalidade, dando notícia dos sucessos que logravam alcançar, designadamente, nos domínios académico, eclesiástico, político e cultural. É assim que, entre outras personalidades, os «triumfos artísticos» que o cantor lírico, Moisés Ben Saude, obteve em Roma, onde havia sido escolhido para cantar uma ópera de Puccini, são registados como notícia. Da mesma forma, o elevado prestígio que António Clímaco dos Reis desfrutava em Buenos Aires, onde era redactor do *Diário*, «o jornal mais importante» da capital da Argentina, e correspondente de vários jornais do

³ *Ibidem*.

⁴ Todo este manancial informativo encontra-se reunido em 3 volumes, editados, em 1995, com a chancela do Instituto Cultural de Ponta Delgada. Um quarto volume, organizado por José Manuel Motta de Sousa, apresenta os índices das *Escavações* e foi também editado pelo Instituto, em 2001.

⁵ Carlos Guilherme Riley, «Na Botica da história», em José Manuel Motta de Sousa, *Índices das Escavações de Francisco Maria Supico*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2001, v. IV, p. XV.

⁶ Cf. José Luís Brandão da Luz, «A etnologia e a questão das identidades nacionais», em Pedro Calafate (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, Lisboa, Editorial Caminho, 2004, vol. IV, tomo 1, c. IV, pp. 416-419.

Brasil e do estrangeiro, é motivo de orgulho, por honrar fora da ilha «o nosso pequeno torrão»⁷; o Doutor Raul Ben Saude é felicitado, na primeira página do jornal, «pelo exito brilhantissimo com q'acaba de defender a sua notavel tese de doutoramento na faculdade de medicina de Paris»⁸; Frei António do Presépio, natural de Rabo de Peixe, onde era conhecido por António José Moniz, é notícia pelo sermão que proferiu em Setúbal, por ocasião na festa em honra de S. Francisco, «por modo tão elevado, que mereceu ao “Reporter”, de Lisboa, os mais levantados elogios»⁹; «o distincto michaelense o sr. Anthero do Quental» constitui referência principal da notícia, a duas colunas, da inauguração das célebres conferências republicanas, no Casino de Lisboa¹⁰.

No entanto, despertou-nos particular atenção o tratamento jornalístico que é concedido a duas notáveis personalidades, naturais de Ponta Delgada, e que ganharam grande projecção no país e no estrangeiro, em particular no Brasil. Referimo-nos a José Joaquim de Sena Freitas e a Teófilo Braga, que se impuseram à admiração dos seus contemporâneos, combatendo denodadamente, em campos radicalmente opostos, pela defesa de ideais, que eram, entre si, inconciliáveis.

Sena Freitas nasceu em Ponta Delgada, a 21 de Julho de 1840, e faleceu no Rio de Janeiro, a 21 de Dezembro de 1913. A sua extensa produção ensaística e jornalística abrange as áreas da literatura, filosofia, teologia, pedagogia, parenética, combatendo e polemizando em todas estas frentes em defesa de princípios e ideais inspirados nos Evangelhos e no magistério da Igreja. Era filho de Bernardino José de Sena Freitas e aos 15 anos, acompanhando o pai, que regressava ao continente, entra no seminário de Santarém, onde descobre a vocação missionária. É ordenado sacerdote, em 1865, em Paris, repartindo, a partir de então, uma intensa actividade entre Portugal e o Brasil. A sua presença nestes dois países está marcada pela participação nos debates que se travavam em torno das novas ideias propaladas pelas correntes científicas, filosóficas e políticas, ligadas ao materialismo, positivismo, liberalismo, evolucionismo, que

⁷ *A Persuasão*, 15 de Julho de 1896, «Noticiário local», p. 3.

⁸ *A Persuasão*, 18 de Agosto de 1897. A mesma notícia faz também a primeira página do *Açoriano Oriental* de 28 do mesmo mês.

⁹ *A Persuasão*, 16 de Dezembro de 1896, «Noticiário local», p. 3.

¹⁰ Cf. *A Persuasão*, 14 de Junho de 1871, Noticiário local, p. 4. O jornal do dia 9 de Agosto abre com um extenso editorial que critica a medida do governo de proibir a realização das referidas conferências. Para Supico, esta medida contribui para «o descredito do regimen», pelo que lavra o seu protesto contra o súbito encerramento.

havia sido proscritas pelo *Syllabus*, promulgado por Pio IX, em 1864. Cultivou uma profunda relação de amizade e admiração por Camilo, tendo publicado, em 1887, o *Perfil de Camilo Castelo Branco*. Fundou em Guimarães o jornal *Progresso Católico*, prefaciou e traduziu vários livros e efectuou muitas viagens, cujas impressões deixou em diversas publicações. Em 1896 foi nomeado cónego da Sé Patriarcal de Lisboa e, no ano seguinte, visitou a sua terra natal, onde foi calorosamente recebido.

O jornal *A Persuasão* descreve esta visita, que teve início a 25 de Julho de 1897, com a chegada do paquete Funchal, desde os preparativos da recepção até à sua partida no paquete Vega, nos finais de Setembro do mesmo ano. A comissão, que era constituída pelos redactores de diversos jornais, incluía Eugénio Pacheco, conhecido pelo seu republicanismo truculento e iniciativas em prol do desenvolvimento da sua ilha, o P. Manuel Vicente e outros, tendo como presidente Francisco Maria Supico, decano dos jornalistas de S. Miguel, que descreve o programa da recepção da seguinte forma: «António Joaquim Fernandes amigo particular do sr. cónego, o iria cumprimentar a bordo, acompanhando-o para terra no luxuoso escalor da alfandega; que em o illustre michaelense pondo o pé em terra, algumas girândolas fossem lançadas no caes, tocando ao mesmo tempo a banda Progresso o *Hymno Michaelense*; que feitas as apresentações de todos os collegas ao desembarque, a corporação o acompanhasse até a um trem sumptuoso em que tomasse logar e conduzisse á casa onde se hospedasse»¹¹, que foi o Colégio Fisher.

A circunstância da sua chegada ao princípio duma tarde soalheira de domingo teria contribuído, na apreciação do redactor do jornal, para que «extraordinário numero de pessoas corressem ao caes a receber festivamente o conterraneo que tanto envolve a patria, pelos seus elevados titulos de litterato, publicista, e incontestados dotes de virtude»¹². A descrição reveste um teor apoteótico em que o articulista não disfarça o seu envolvimento emocional pelo calor humano que «extensas e compactas alas de pessoas de ambos os sexos e de todas as condições» dispensaram ao illustre micalense. Quarenta anos depois da sua ida para Lisboa, Sena Freitas regressava em romagem de saudade para «prestar culto á patria d'esse amor que a dilatada ausencia mais encendrou.

¹¹ *A Persuasão*, 28 de Julho de 1897.

¹² *Ibidem*.

A patria abre-lhe festivamente os braços e agradece-lhe em homenagem cordealissima o muito que elle a tem enobrecido». Supico revela nestas palavras o verdadeiro sentido da exaltação pela visita do «eminente homem de letras e ornamento do clero nacional», como se lhe refere na abertura da notícia a que nos temos vindo a reportar. A dimensão política do acontecimento parece ter sido aproveitada para servir os intuitos promocionais de ostentação dos seus vultos mais distinguidos, se não duma região, pelo menos duma ilha que se sentia engrandecida pelo prestígio e projecção que os seus naturais logravam alcançar além fronteiras.

Não será pelas suas ideias e convicções, sejam elas religiosas e muito menos políticas, que Sena Freitas é aqui entusiasticamente referenciado, mas pela sua reconhecida estatura moral e cultural, que o torna um Açoriano ou um Micaelense ilustre, como Supico claramente põe em evidência: «Sabemos todos a orientação do alto espírito de Sena Freitas. Nobre lutador pelo seu ideal, com a palavra no templo, na conferencia, nas cidades e nos sertões, na patria e fora della; e com a pena no jornal e no pamphleto de combate, ou no livro, pondo a these doutrinaria, desenvolvendo-a e revestindo-a das louçanias da linguagem pátria, e dando-se elle proprio ao exemplo da doutrina que propaga e defende, Senna Freitas é do estofa d'uma pleide gloriosa que aqui nasceu n'aquele decenio de 1840 a 1850, uns que se chamaram Anthero, Arruda Furtado, Paula Oliveira; e outros são Theophilo Braga, Hintze Ribeiro, Philomeno da Camara e Caetano d'Andrade»¹³, continuando a enumerar outros mais recentes, de que destacamos Ernesto do Canto, Aristides da Motta e Bruno Carreiro.

O jornal acompanha alguns dos momentos da estadia do P. Sena Freitas em S. Miguel e o brilho que conferia às cerimónias religiosas, como na festa do Coração de Jesus, na igreja de Santa Cruz da Lagoa, em que a sua pregação «se elevou a toda a altura da sua reputação, extasiando o auditorio com o seu primoroso discurso»¹⁴. O mesmo aconteceu por ocasião da mesma festividade, em Ponta Delgada, onde na igreja de S. José «reuniu na missa solene grande numero de pessoas e de elevada categoria por ter sido orador o conego Senna

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *A Persuasão*, 4 de Agosto de 1897, «Noticiário local», p. 2.

Freitas»¹⁵. O notável sermão que então proferiu foi publicado em folheto, com o nome «O amor de um Deus», tendo sido, posteriormente incluído em um dos muitos livros que publicou, com o título «Tanto amou!»¹⁶. Nele o pregador não esconde a condição de ilustre filho da ilha e a felicidade que sentia em subir ao púlpito daquela igreja. Escreve a dado passo: «Querida subir a este púlpito. Era uma das ambições da minha vida. Falar pela primeira vez na cidade onde nasci, no proprio templo onde tive a ventura de receber o baptismo e onde hoje appareço, não vestido unicamente da tunica do meu baptismo, como christão, mas da estola branca do meu sacerdocio e do mandato de ministro do Evangelho, para dirigir a palavra aos meus proprios conterrâneos, aqui trazidos pela suggestão do sentimento religioso e pelo contagio do patriotismo, de um patriotismo que eu tenho buscado honrar no limite estreitissimo das minhas forças»¹⁷, remata com o claro propósito de não deixar de corresponder às motivações sociais que levaram àquele templo tão *selecto auditório*, onde marcaram presença muitas das autoridades locais, mobilizadas certamente pelo alto prestígio do orador sagrado. A permanência de Sena Freitas em S. Miguel é acompanhada pela imprensa, que dá conta da sua digressão pela ilha, a estadia nas Furnas, vindo de Vila Franca¹⁸, e deslocação à Povoação, onde foi obsequiado com um jantar, oferecido pelas entidades e forças vivas do concelho¹⁹. O jornal insere, finalmente, uma nota de despedida e de reconhecimento pelo acolhimento de que foi alvo, dando conta da sua partida para Lisboa, depois de ter visitado as ilhas do grupo central.

Para a adesão popular à recepção a uma personalidade, que há 40 anos estava ausente da sua terra natal, não seria certamente estranho o sentimento de um povo que se sentia nobilitado pelos seus filhos mais ilustres, o que foi bem

¹⁵ *A Persuasão*, 25 de Agosto de 1897, «Noticiario local», p. 2; cf. *Açoriano Oriental*, de 28 de Agosto de 1897, a noticia sobre a mesma festividade, que diz assim: «Como previramos, o vasto templo tornou-se acanhado para receber o selecto auditório que foi ouvir a oração brilhantissima do sr. conego Sena Freitas, da qual, como bem disse um collega, o orador, “irmanando a Religião com a Sciencia, a lógica com o sobrenatural, soube tirar illações que não são frequentes nos pregadores que estamos costumados a ouvir”». Na verdade, apoiando-se nos estudos da fisiologia, procura justificar o culto ao coração, como uma das condições do amor, tema da sua oração. Cf. «Tanto amou!», em Padre Sena Freitas, *A Palavra do Semeador. Sermões, Orações Funebres, Discursos, Conferencias, Allocuções, Pronunciados no Templo e Fora d'elle – 1867-1903*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1905, pp. 93-94.

¹⁶ Cf. *A Palavra do Semeador*, pp. 87-102.

¹⁷ *Ibidem*, pp. 90-91.

¹⁸ *A Persuasão*, 4 de Agosto de 1897, «Noticiario local», p. 2.

¹⁹ Cf. *A Persuasão*, 18 de Agosto de 1897, «Noticiario local», p. 3, que transcreve a noticia dada pelo *Aurora Povoacense*, de 14 do mesmo mês.

interpretado pelo jornalista do *Açoriano Oriental* que, nas poucas linhas em que noticiava a sua chegada a Ponta Delgada, exarava o seguinte comentário: «Ha 40 annos q' o illustre michaelense não visitava a sua terra. Poucas pessoas aqui conhece; no entanto, quasi toda a ilha falla d' elle com orgulho»²⁰. A imprensa contribuía para esta admiração popular ao acompanhar o seu percurso no continente português, dando, designadamente, notícia das vicissitudes a que a sua orientação política e condição religiosa o expunham numa sociedade dominada pelos ideais republicanos e anticlericais. Foi assim que relatou a violenta perseguição de que foi alvo na baixa de Lisboa no ano de 1895. O correspondente de *A Persuasão*, na capital, descrevia pormenorizadamente, em carta de Lisboa, o levantamento popular contra os Jesuítas, no dia 30 de Julho, que apedrejou e espancou todos os que eram padres ou aparentavam sê-lo e que circulava naquele dia e nos que se seguiram, por causa do boato que circulou de que os Jesuítas enchiam os seus asilos com crianças que faziam desaparecer da circulação. «O illustre orador sagrado foi uma das victimas dos motins»²¹ que, não dando importância aos avisos para que evitasse circular pelas ruas de Lisboa, foi rodeado por «um grupo de amotinados, em número superior a trinta, vindo do largo do Intendente», que o cercaram, insultaram e ameaçaram. O grupo tornou-se maior e as ameaças subiram de tom, sem que o sacerdote conseguisse demovê-los ou encontrar quem o socorresse. O correspondente relata as diligências que efectuou junto de um transporte puxado a cavalos, que recusou recebê-lo, e de ter procurado refúgio num prédio da rua da Palma, que identifica, batendo às portas dos vários andares que lhe recusaram protecção. Acabou encurralado pela multidão em fúria que invadiu as escadas até ao último andar onde o P. Sena Freitas se refugiara. Os amotinados, sem atenderem aos seus apelos, lançaram-se sobre ele «trouxeram-n' o aos encontrões pela escada abaixo, esbofetearam-n' o, agrediram-n' o com socos, cobardemente, fazendo-lhe um ferimento na região frontal e uma grande contusão no olho direito, que quasi lh' o ia vasando». E a descrição prossegue, dando conta das fortes agressões que continuaram pela rua da Palma «até que um soldado do exercito, que passava, vendo-o ferido, o livrou dos apupos e da perseguição dos desordeiros, conduzindo-o ao hospital de S. José, onde recebeu

²⁰ *Açoriano Oriental*, 31 de Julho de 1897, p. 2.

²¹ *A Persuasão*, 14 de Agosto de 1895.

os necessários tratamentos, seguindo depois para casa, na companhia da irmã e do cunhado, que acorreram ao hospital ao terem conhecimento do sucedido.

Os acontecimentos de 5 de Outubro fizeram-no regressar ao Brasil, onde veio a falecer, quando escrevia a sua autobiografia, que ficou incompleta. Os seus restos mortais repousam no cemitério de S. Joaquim, de Ponta Delgada, para onde foram trasladados em 1925, por iniciativa duma campanha promovida por José da Mota Vieira, no *Diário dos Açores*. Mais uma vez a imprensa a procurar recuperar tudo o que poderá servir a causa do engrandecimento da sua região.

Também o percurso de Teófilo Braga foi acompanhado de perto pelo jornal *A Persuasão*, não fora Teófilo amigo e protegido de Supico, que patrocinou a sua primeira publicação poética, no jornal *Estrella Oriental*, da Ribeira Grande, prefaciou o seu primeiro livro de poemas, *Folhas Verdes*, e apoiou a sua ida para Coimbra, aonde foi estudar direito, aos dezoito anos de idade. Ainda estudante, ganhou notoriedade, no país e no Brasil, como poeta da *Visão dos Tempos*. A imprensa local acompanhava a progressão literária e académica de Teófilo, que se impunha como figura de primeiro plano no panorama cultural português, com grande projecção no estrangeiro. Assim, *A Persuasão* transcreve duas extensas e elogiosas recensões críticas da *Visão dos Tempos*, uma de Pinheiro Chagas, inicialmente publicada na *Gazeta de Portugal*, outra transcrita do *Anuario do Archivo Pittoresco*²². Meses mais tarde, volta a referir-se a novo êxito literário de Teófilo, publicando outra recensão de Pinheiro Chagas sobre *As Tempestades Sonoras*²³, e fazendo ampla referência aos obséquios dispensados a Teófilo, em Lisboa, como a ceia que lhe foi oferecida por um ex-ministro do Papa Pio IX, inserindo a notícia do correspondente em Lisboa do *Commercio do Porto*²⁴. Também a defesa do doutoramento em Direito, na Universidade de Coimbra, a 2 e 3 de Julho de 1868, foi objecto de circunstanciada notícia, a partir do *Diário de Coimbra*, que escreve que o «talentoso erudito doutorando excedeu a expectativa dos admiradores d'aquella grande gloria das patrias letras»²⁵.

²² Cf. *A Persuasão*, 18 de Maio de 1864 e de 3 de Agosto do mesmo ano.

²³ Cf. *A Persuasão*, 18 de Janeiro de 1865.

²⁴ Cf. *A Persuasão*, 1 de Fevereiro de 1865.

²⁵ Cf. *A Persuasão*, 29 de Julho de 1868. Muitas outras referências do mesmo género encontramos disseminadas em vários números das páginas de *A Persuasão* por ocasião da publicação dos muitos livros que deu à estampa, como acontece, por exemplo, com a *Historia da Literatura Portuguesa*, que é apresentado a duas colunas no jornal de 18 de Outubro de 1871, com exortação aos micaelenses para que assinem a publicação, como forma de manifestação de apreço («ao illustre ornamento das letras e sciencias»).

A sua candidatura e ingresso no Curso Superior de Letras foi particularmente seguida de muito perto, tendo sido logo noticiada, com promessa de maior desenvolvimento em número subsequente, o facto de que o «eminente litterato e illustre michaelense acaba de obter na capital um triumpho litterario e a mais assignalada consagração ao seu alto merecimento, no concurso a uma cadeira do Curso Superior de Letras, para o qual foi preferido»²⁶.

Quando em 1886-1887, no espaço de «apenas três meses e onze dias»²⁷, a morte dos dois filhos, com 13 e 16 anos de idade, mergulha Teófilo e sua mulher numa «angústia que cresce com o tempo», deixando-os, ao fim de vinte anos de casados, «sós diante um do outro, com três filhos na cova, e olhando desalentados para um passado que nos mentiu»²⁸, conforme desabafa em carta a sua irmã, recebe, da terra longínqua, uma prova inesquecível de solidariedade: «os estudantes do Liceu enviaram-lhe uma mensagem de afectuosa condolência»²⁹, como passados mais de trinta anos ainda fez menção de evocar na sua autobiografia que, com o título *Mocidade de Teófilo*, se sabe que atribuiu a Francisco Maria Supico. Mas também *A Persuasão* envia condolências ao «eminente escriptor portuguez, professor do curso superior de letras e illustre michaelense e nosso velho amigo o sr. dr. Theophilo Braga»³⁰.

O nome de Teófilo suscitava assim a atenção e a deferência dos intellectuais e dos jovens estudantes, que viam nele um exemplo edificante de grandeza intellectual e moral, que prestigiava os Açores, além fronteiras. É assim que, por ocasião dos cinquenta anos do aniversário da sua actividade literária, os estudantes do Liceu, Luciano Mont'Alverne e Félix Horta, publicaram o número único duma revista, intitulada *A Homenagem*, associando-se desta forma às celebrações nacionais, que promoveram a publicação do *Quinquagenário*, «formado com artigos e estudos que jaziam dispersos por jornais, revistas e opúsculos»³¹ sobre

²⁶ Cf. *A Persuasão*, 12 de Junho de 1872. Cf. ainda o número de 19 de Junho do mesmo ano, em que se dá conta das provas, membros do júri, concorrentes, resultado da votação e se tecem grandes elogios à obra de Teófilo, tanto mais valiosa quanto maior se sabe ter sido as grandes dificuldades que teve de ultrapassar.

²⁷ Teófilo Braga e Maria José Braga, "*Minha Freira*". *Cartas Familiares*, org., int. e notas por José Luís Brandão da Luz, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1996, p. 101.

²⁸ *Ibidem*, p. 102.

²⁹ Francisco Maria Supico, *Mocidade de Teófilo*, p. 81.

³⁰ *A Persuasão*, 29 de Dezembro de 1886. Cf. também o número referente 30 de Março de 1887, em que, por ocasião do falecimento da filha, Maria A Graça, Supico envia um abraço com toda a vehemencia da dôr e da amizade», por meio do editorial que escreve para aquele número do jornal.

³¹ *Quinquagenário: 1858 a 1908. Cinquenta Anos de Actividade Mental de Teófilo Braga*, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1908, p. VI.

as diferentes facetas da vasta obra de Teófilo. Simultaneamente, a 2 de Maio de 1908, organizaram uma récita de gala em sua honra, que constava dum sarau músico-literário e da representação de um *Auto da Vida*, especialmente composto pelos promotores para o efeito³². As referências continuaram quando Teófilo ocupava o lugar cimeiro na vida cultural e política do país, como quando assume a chefia do governo provisório, na sequência da implantação da República³³, e já antes por ocasião da sua eleição para o Parlamento, a 28 de Agosto de 1910, pelo partido republicano. Ainda, em 1911, no final da vigência do jornal, por ocasião da homenagem nacional, que se seguiu à transmissão de poderes para o primeiro governo constitucional, e que se realizou no Coliseu de Lisboa, Supico dedica três das quatro páginas do seu jornal a Teófilo Braga, com a sua biografia, intitulada «Mocidade de Theophilo – (Primeira phase)»³⁴.

A alta figura de Teófilo Braga foi premonitoriamente descoberta pelo ilustre jornalista de *A Persuasão* quando, no despontar da juventude, se estreia como poeta, mas coube à acção deste importante jornal micalense divulgá-lo na sua ilha como uma referência que a prestigiava, conforme Aristides da Mota bem observava, em judiciosas palavras que Supico transcreve logo nas primeiras páginas da *Mocidade de Teófilo*: «Os Açores podem justamente orgulhar-se de terem sido o berço de altas individualidades, que ocupam lugares distintos em todas as esferas da actividade humana; política, literária, científica, no parlamento, no jornalismo, no professorado, etc. Acima de todos avulta, sem questão entre os vivos, e nenhum dos mortos lhe fica em plano superior, o sr. Teófilo Braga»³⁵.

³² *A Persuasão*, de 29 de Abril de 1908, em artigo de fundo, com o título «Á gloria de Theophilo Braga», anuncia «a homenagem da mocidade academica a Theophilo Braga para celebrar o quinquagenario do seu tirocinio litterario» e insere extractos biográficos que o enaltecem como grande enciclopedista, renovador das mentalidades e exemplo a seguir. Na secção do «Noticiario local» apresenta o programa do sarau músico-literário dos estudantes do Liceu e o número único da revista que lhe é consagrada. O número seguinte do jornal dá conta de que um «publico selecto e numeroso muito applaudio o espectáculo e glorificou, aclamando, a aguiã que bateu azas até ás maximas alturas da intellectualidade».

³³ *A Persuasão*, de 2 de Novembro de 1910, insere, a duas colunas, uma biografia de Teófilo, juntamente com a dos ministros do governo republicano. A partir do número 2 544, de 16 de Novembro do mesmo ano e durante mais dez números, a secção do jornal «Escavações» publica, com o título «Correspondencia seleccionada», diversas cartas de teor biográfico que Teófilo havia enviado a Supico, nos primeiros anos da sua estadia em Coimbra. Dá assim continuidade a uma divulgação que havia sido iniciada, por ocasião das bodas de ouro de Teófilo, no número 2 414, de 6 de Maio de 1908, embora o jornal ostente, erradamente, a data de 29 de Abril, e que se prolongou por mais cinco números.

³⁴ Cf. *A Persuasão*, de 22 de Fevereiro de 1911.

³⁵ Aristides Moreira da Mota, *Autonomia Administraiva dos Açores* [1905], int. de Carlos Cordeiro, Ponta Delgada, Jornal de Cultura – Publicações e Artes Gráficas, Lda., 1994, p. 207.

Estamos em crer que o destaque concedido por este respeitável semanário às personalidades que temos vindo a referir, pertencentes a campos tão diametralmente opostos da vida política e social do país, não poderá compreender-se por intuítos de propaganda ideológica, defesa de interesses partidários ou associativos. Num jornal que dedica muito do seu espaço, a par da análise de questões locais relacionadas com o desenvolvimento agrícola, industrial e social da ilha e dos Açores, à recuperação da memória histórica como factor importante de construção da sua identidade, o tratamento jornalístico destes dois vultos da cultura e da sociedade portuguesa do século XIX cumpre o propósito mais abrangente de construir a consciência da identidade de um povo não apenas na base dos seus recursos económicos, comerciais, industriais ou agrícolas, mas pela projecção cultural dos seus naturais, nos diversos campos em que ganharam prestígio e reconhecimento ao nível do país e do estrangeiro. O antagonismo de posições político-ideológicas não constituiu impedimento para que se pudesse convergir, sob o signo da tolerância e da ilustração, no ideal da grandeza que os Açores poderiam alcançar pelo prestígio e projecção dos seus naturais mais destacados.